

Shirlei Zonis

Arquitetura no divã

A quarta dimensão do espaço

2ª edição ampliada



OLHARES

São Paulo, 2022

Sumário

- 9 Introdução
- 11 A quarta dimensão

- 14 Antônio e a resistência
- 16 A projeção de Frederico
- 18 Abre-alas

- 20 Marina e o tapete
- 22 Célia e os ácaros
- 24 Ácaros ou sintomas?

- 26 Vicentão
- 29 Objetos transicionais, uma área intermediária da experiência
- 31 Luís e o tapete

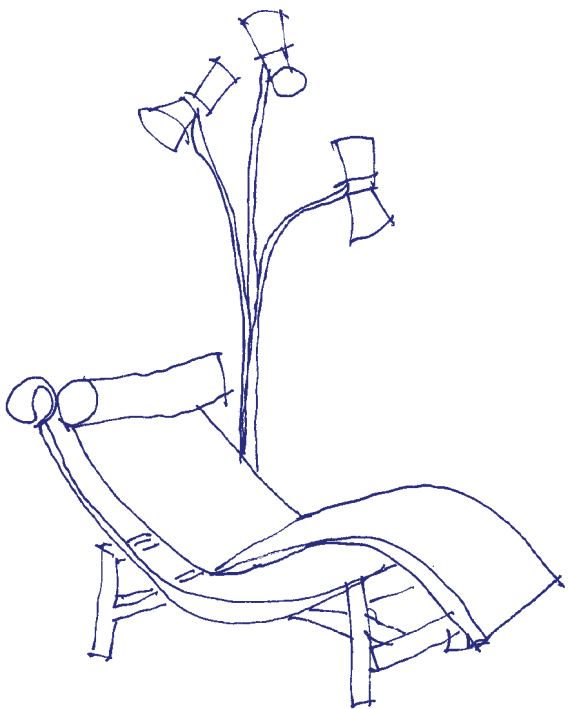
- 33 Pandemia, um tempo e espaço intermediário
- 35 Bia e o apart hotel
- 36 Suzana e mansarda
- 38 Projeto, ocasião e oportunidade de criar um lugar

- 40 Arquitetura e consumo

- 43 As expectativas de Miguel
- 46 A fantasia de Tarso
- 49 Sublimar ainda é possível?

- 52 Ninho vazio
- 54 Jorge & Lea e a cobertura
- 56 Ronaldo & Suzana e a cobertura
- 57 Ricardo & Olívia, Ricardo & Patrícia, Ricardo & Tereza
- 59 Negações africanas

61	O espaço e a negativa
64	O terceiro personagem
66	Lívia, Roberto e a ponta do iceberg
69	A metáfora do iceberg
70	Além do arco-íris
73	O ideal do espaço de Margot
76	O ego ideal x o ideal do ego
78	Bruno e a mudança
81	Vitória e o cancelamento
84	Transferência e contratransferência
87	Hugo saindo do luto
89	Lúcio e a casa
90	Luto e melancolia
93	A segunda pele de Rita
96	Renovando as bodas... Renovando a pele
98	Minha sala, minha vida
99	Gisele
100	Marcos e Maira
102	Se essa poltrona fosse minha...
103	Memórias
104	Negociações
105	A interpretação dos nossos sonhos
108	Casa, sintoma e saída
111	Alguns significados
130	Referências bibliográficas
133	Posfácio, por Gustavo Rocha-Peixoto



Introdução

Hoje, se me perguntarem o que me atrai mais num projeto, responderia sem pestanejar: o cliente. Quando entro no seu universo e compartilho de suas demandas e seus **desejos**, me sinto tremendamente privilegiada por poder contribuir para externá-los no projeto de um novo lar (mesmo que se trate apenas de uma reforma) e por ter, no convívio com ele, a percepção das viagens que a arquitetura produz mudando o lugar, sem sair do lugar.

Mas não foi sempre assim. Meu primeiro trabalho profissional foi em planejamento urbano, depois veio a arquitetura comercial e de escritórios.

Com o tempo, a arquitetura residencial passou a representar um percentual considerável de minha atuação, e foi a partir dela que precisei ajustar minha lente no modo zoom e me aproximar da relação entre o **sujeito** e sua intimidade. Se inicialmente isso causou estranheza, acabou sendo o que me cativou. E passei a constatar o quão longe estão as expectativas trazidas (ou transmitidas) pelos clientes que nos procuram de suas reais necessidades. Afinal, o que realmente irá fazer diferença em um novo espaço, o que os deixará mais satisfeitos ao término da obra?

Cada vez mais envolvida com as questões da subjetividade na arquitetura, iniciei estudos de teoria psicanalítica. Essa nova perspectiva suavizou demais meus conflitos e me permitiu desenvolver algo fundamental na lida com os clientes: a empatia.

Lembro-me ainda hoje do receio e da curiosidade com que, na juventude, fui buscar ajuda para conhecer meu “quarto escuro”, na minha primeira sessão de análise. E que emoção ao descobrir que o quarto não era tão escuro quanto eu temia... Nesse novo encontro, percebi que essa teoria tangenciava a atividade de arquiteta e poderia me ajudar e ampliar minha satisfação profissional. Passei a desenvolver estudos sobre a interseção entre arquitetura e psicanálise, e me veio então o desejo de compartilhar essas percepções.



Antônio e a resistência

Quando Antônio ligou e disse não saber o que estava lhe acontecendo, que não costumava ser “assim”, falava isso às gargalhadas. Ele se referia ao costume que havia adquirido após a obra de comprar objetos variados para enfeitar sua nova casa. Ele estava estranhando, mas gostando muito desse novo mundo.

Em sua primeira entrevista para pautar o projeto, Antônio informou que havia comprado um apartamento novo e precisava de uma reforma “rápida”, “eficiente”, “sem muita frescura”. O imóvel fora muito bem escolhido, a localização era esplêndida, e esse investimento na escolha não condizia com o jeito distante de lidar com o projeto, claro que não. Antônio, na verdade, estava muito empenhado em fazer da reforma um projeto feliz, mas não sabia como explicá-lo, como se temesse tocar em algo delicado, frágil mesmo.

Suzana e a mansarda

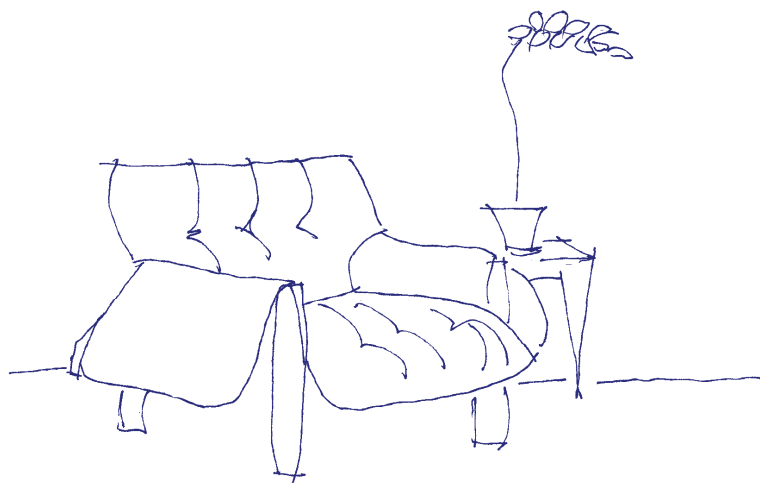
Suzana é professora de filosofia e em janeiro de 2020 foi para Paris fazer seu pós-doutorado. Chegou à cidade junto com o vírus. Passou os dias e meses seguintes restrita à mansarda charmosa que havia alugado, olhando e namorando a cidade por trás dos vidros da janela.

Por uma vida Suzana havia sonhado com um tempo em Paris, longe de todos, vivenciando o que conhecia de cor pelas descrições dos romances, personagem ela mesma de sua fantasia delicadamente cultivada. Era o apogeu da carreira acadêmica, com o prêmio da licença remunerada para estudar e estudar, nada mais. Brincar de pensar em passeios sonhados como num filme francês – lento, cheio de detalhes e referências. Que delícia seria...

Por trás dos vidros gelados da mansarda charmosa, com receio de tudo, porque naquele início da pandemia o pânico era total, dizer que foi fácil viver essa frustração seria mentira.

Mas, depois do susto, aproveitou o momento para muita pesquisa. E passou muito mais tempo em contato com o Brasil do que supunha quando planejou a viagem, dedicando seu tempo para ressignificar relações antigas das quais não cuidava por falta de... tempo.

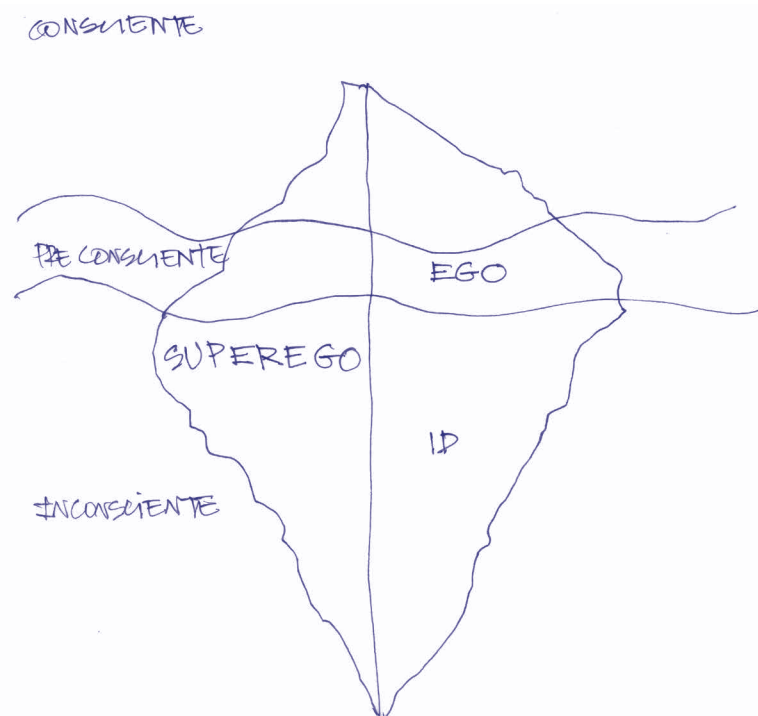
Ficou em um espaço-tempo intermediário, e estar nessa posição numa hora dessas não é fácil. Esse meio do caminho a colocou como se dentro de um elevador parado por causa de um blackout. Ela ali presa, sozinha, num abrigo. O espaço reduzido de sua casa teve que dar conta de todos esses sentimentos e abrigar seu pânico e frustração. E deixar crescer esse movimento de autoconhecimento que, com os aeroportos fechados, sem condição de mobilidade, se apresentou como uma oportunidade de brincar. Uma oportunidade de criar.



O espaço e a negativa

Os casais apresentados aqui não foram os únicos a requisitar um projeto de mudança do espaço onde viviam, mas guardam entre si essa semelhança, a de a reforma ser o último suspiro da relação, antecedendo a separação. De certa forma, foi um caminho encontrado por eles para negar o que de fato estava lhes acontecendo. E essa negativa era, ao mesmo tempo, uma última tentativa do antigo – no caso, estarem juntos –, mas também o prenúncio do novo – que seria não estarem juntos como casal.

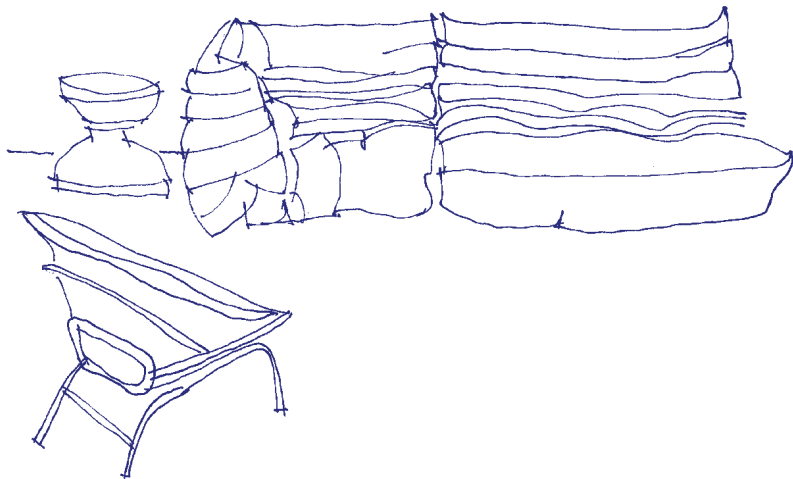
E que negativa... Entrar no processo de arrumar o espaço onde ficariam juntos, se juntos ficassem, é um desafio de alta complexidade. Transcrevo abaixo parte do texto sobre a negativa de Freud, e insisto na frequência com que deparamos na vida com o processo de negação. Ele é na verdade nosso velho conhecido. É um mecanismo muitas vezes utilizado em situações que nos recusamos a aceitar, ainda que inconscientemente.



Lívia, Roberto e a ponta do iceberg

Hoje, se estivéssemos manejando o leme de um grande navio e ao longe avistássemos uma pequena pedra de gelo, certamente ficaríamos alertas e não menosprezariamos o perigo que ela pode representar. Porque já vimos alguns filmes de catástrofes marinhas, e *Titanics* não afundam à toa, normalmente acidentes são erros de cálculo e avaliação.

Quando fomos visitar o terreno para a nova casa de Lívia e Roberto, o dia estava lindo e azul como os dias de abril costumam ser. O relevo com as cumeeiras bem demarcadas cortando o céu tão limpo como se alguém tivesse passado um pano para nos receber. Uma perfeição. O condomínio tinha uma localização privilegiada, recém-urbanizado, moderno e sustentável, planejado para atender aos sonhos do casal de médicos. O terreno



Hugo saindo do luto

Foi com extrema delicadeza que nos aproximamos da casa de Hugo, porque era um espaço que pouco antes havia sido o palco de muita tristeza.

Hugo era um homem jovem, executivo já estabelecido, e há pouco havia perdido a companheira. Desde o primeiro contato percebemos o quanto aquele movimento era um primeiro passo para a saída do luto. Ele não procurava remodelar tudo, apagar o que havia como maneira de esquecer os momentos difíceis. Pelo contrário, queria manter o tanto de história que havia ali, mas imprimir algo novo, que mudasse o astral sem implodir as fundações. Delicado mas desafiante. E, acima de tudo, que porta estava ele abrindo para a alegria! A melancolia ali estava descartada. O luto não estava sendo negado, mas, chorado que foi (ou ainda seria), podia abrir espaço para uma lufada de ar novo.

Alguns significados

Seguem algumas definições de termos psicanalíticos, cuja função é apenas apoiar a leitura. São citações retiradas de duas fontes de referência, citadas abaixo.

Cada um deles poderia ser desenvolvido em páginas e páginas de outras citações e discutido exaustivamente, e aqui não há a pretensão de esgotá-los. Apesar de terem sido fundamentados no século passado, ainda há muita resistência na sua leitura e aceitação. Para mim, foi um bom caminho desritualizar esse contato.

Afeto

Termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã e que exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e suas variações.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 9.

Compulsão

Clinicamente falando, é o tipo de conduta que o sujeito é levado a realizar por uma imposição interna. Um pensamento (obsessão), uma ação, uma operação defensiva, mesmo uma sequência complexa de comportamentos são qualificados de compulsivos quando a sua não realização é sentida como tendo de acarretar um aumento de angústia.

LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 86.

Contratransferência

Conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à transferência deste.

LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 102.

Id ou Isso

Uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda teoria do aparelho psíquico. O id constitui o polo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalcados e adquiridos.

Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são suas diferenciações. \ LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 219.

Essa parte submersa em nós, localizado totalmente no inconsciente é o Id. Nossas pulsões, nossa energia psíquica, nossos prazeres sem censura a serviço do princípio do prazer, e que exigem total satisfação ali se localizam.

Quando atuamos em nossos impulsos e manifestações inexplicáveis, estamos liberando essas pulsões, sem filtro. Ali ficam recalcadas até serem convocadas.

Ou não...

Idealização

Processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribui para a formação e para o enriquecimento das chamadas instâncias ideais da pessoa (ego ideal, ideal do ego).

LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 224.

Inconsciente

Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, seria incontestavelmente na palavra inconsciente.

Representação

Termo clássico em filosofia e em psicologia para designar “aquilo que se representa, o que forma o conteúdo concreto de um ato de pensamento” e “em especial a reprodução de uma percepção anterior”.

Freud opõe a representação ao afeto, pois cada um destes dois elementos tem destino diferente nos processos psíquicos.

LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 448.

Repressão

A. Em sentido amplo: operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: ideia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de pressão.

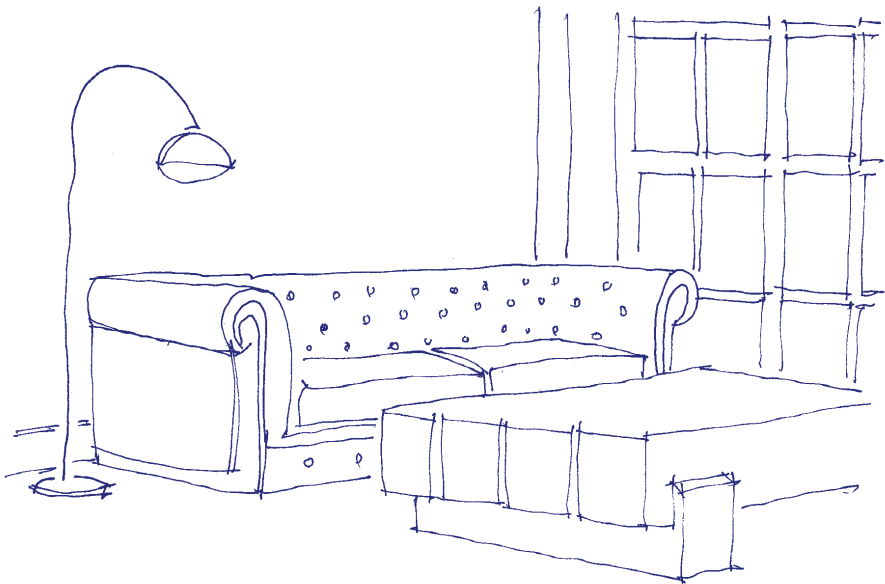
B. Em sentido mais restrito: designa certas operações do sentido A diferentes do recalque:

a. Ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente.

b. Ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente mas inibido, ou mesmo suprimido.

c. Em certos textos franceses (e brasileiros) traduzidos do inglês, equivalente errado de recalque.

LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit., p. 457.



²V-1

**ou: Comprimento, largura, altura e imaginação;
ou então: Quanto mede o lado de um território quadrado que
deve um hectare ao mundo real?
ou ainda: Um pós-escrito para a Shirlei.**

Gustavo Rocha-Peixoto

Shirlei querida,

Por que você acha que eu, logo eu, devo comentar este livro?

É verdade que desde a primeira vez que você me mostrou os manuscritos – ainda muito diferentes da configuração que o leitor tem na mão – eu disse que você tinha encontrado um filão inexplorado para entender sua vivência profissional. Reconheci que o entendimento que você propõe aqui sobre a relação entre psicanálise e arquitetura, além de novo e bem recortado, haveria de ser útil para estudantes, arquitetos e estudiosos de arquitetura. Tudo isso eu pensei desde a primeira leitura. E, desde então, o texto se aprimorou, a organização ficou mais fácil de ler, outros casos se acrescentaram.

Nós estudamos juntos na gloriosa turma que ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ em 1976. O mundo e o entendimento da arquitetura mudaram muito desde então, mas me parece que ainda se confina hoje em dia nos limites da racionalidade positivista em que fomos treinados no milênio passado. Por isso ainda o acréscimo de uma quarta dimensão à dura métrica palpável do espaço vazio entre as paredes, como você defende nos casos deste livro, é esclarecedor e necessário. E não são abstrações, mas vêm iluminados da sua formação psicanalítica e da vivência pessoal provada no laboratório da arquitetura, da vida no escritório, nas encomendas, pedidos, demandas, reclamos, dos clientes – seus e principalmente dos de outros colegas. E, é também verdade, finalmente que, diante da sua hesitação, estimulei você a aceitar a publicação.

Gauss tratou o número i de modo geométrico abrindo mesmo caminho para a quarta e tantas outras dimensões como se queira. Benoit Mandelbrot concebeu dimensões fracionárias, a geometria fractal em pleno século XX, e é daí que provém renderizações, tratamentos de imagem, sintetizações computadorizadas de seres imaginários tão parecidos com o mundo real que confundem nossos sentidos. Arquitetos usamos isso no dia a dia, nossos contemporâneos assistem a produções cinematográficas em que as personagens são inteiramente sintetizadas em computadores com tecnologia fractal. Robôs cortam grama, fazem faxina em casa, cuidam de idosos, supervisionam crianças, pilotam aviões. Como não perceber que tudo isso provém de um sonho, desejo a ser ainda interpretado na velha chave da dupla metáfora espacial.

*

Se, por um lado, vejo claro que os clientes é que estão no divã, a álgebra complexa de Gauss me leva a não descartar a coexistência de outras possibilidades. Se não, vejamos. Num dos “casos” que você tipifica, há uma queixa contra uma “casa doente”: são canos entupidos; em outros casos, a patologia da casa assume o nome de ácaros alergênicos, a demandar terapia. Mas na imaginação é a casa que carece de cura. E, para que uma casa adoça, é preciso que esteja viva. Ao menos na mítica imaginária a casa está viva e tem ela mesma seus desejos.

Aqui precisamos recorrer – não só à geometria complexa, mas ao universo mitológico das narrativas literárias. Vejamos um exemplo notável: o mais famoso romance de Lucio Cardoso³, de 1959, traz na capa um título enigmático: *Crônica da casa assassinada*. Se uma casa pode chegar a ser assassinada e mesmo deixar suas crônicas escritas é porque sua relação com a vida humana é mais que alegórica, representa mesmo a possibilidade de uma moradia ter vida própria. Pode ser que as pessoas que vivem ali dentro, e cujos relatos pessoais constituem a *Crônica*, sejam a coisa

3 CARDOSO, Lucio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

